

## A Educomunicação e as novas formas de Cidadania e Jornalismo<sup>1</sup>

Rose Mara PINHEIRO<sup>2</sup>  
Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP

### Resumo

Como repensar o jornalismo e a cidadania à luz da nova sociedade, que é seduzida pelos meios de comunicação e, ao mesmo tempo, desafiada pelos mesmos meios. Atualmente vivemos na sociedade da informação, midiaticizada e mediada pela tecnologia, um modelo industrial de produção de notícia (produção em série de um bem econômico em um contexto industrial) onde há hibridização dos suportes técnicos, reciclagem acelerada do conteúdo e noticiário em tempo real. A Educomunicação pode proporcionar uma renovação à prática jornalística à medida que ela propõe a introdução crítica das tecnologias para ampliação das redes abertas de diálogo e participação, assumindo a comunicação como um eixo e quebrando a lógica do consumo, que norteia a produção da notícia.

**Palavras-chave:** Educomunicação; Jornalismo; Cidadania; Formação; Ética.

### Introdução

A pós-modernidade tem como eixo transversal a lógica do consumo, que perpassa todas as esferas da sociedade contemporânea, trazendo consigo algumas características marcantes, como a ruptura com as utopias coletivas, menor regulamentação moral, mas ao mesmo tempo a sensação de grupo e do relacional estão presentes, de outra forma, redimensionada.

A era da verossimilhança é marcada por incertezas, contradições e inquietudes. Diante de tanta complexidade, tanto na esfera local, quanto global, individual e grupal, vivemos uma verdadeira transformação de valores, sentidos, verdades e certezas.

Para Lipovetsky (2008, p. 39), o período atual significa um corte em relação a dois séculos de modernismo e equivale à sociedade de consumo:

Existem duas hipóteses centrais para o exame das sociedades ocidentais contemporâneas. Na primeira, sobressai o consumo, a uniformização dos modos de vida, a globalização econômica, a hegemonia de certas marcas e a massificação. Na segunda, observa-se a liberação em relação à tradição,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP e bolsista do Programa Nacional do Pós-Doutorado da Capes na Faculdade Cásper Líbero – FCL, E-mail: [rose\\_pinheiro@uol.com.br](mailto:rose_pinheiro@uol.com.br).

às instituições, à Igreja, ao sagrado, etc, com o conseqüente aumento da autonomia individual.

Na trajetória da sociedade desembarcamos numa época em transição, marcada pela busca do prazer, o individualismo e a crise de identidade. Sem defender um juízo de valor, entre bem ou mal, a sociedade atual trouxe mudanças profundas na nossa maneira de pensar e relacionar com o outro.

Todo esse cenário em movimento é transmitido e transformado pelos meios de comunicação, que com as novas tecnologias ganham um papel especial. É através deles que vemos o mundo. Entre “Aldeia Global” (McLuhan) e “Máquina de Narciso” (Sodré), assistimos a transformação do mundo como se dele não fizessemos parte, mas somos profundamente modificados pela paisagem da janela. De novo, vivemos uma mistura. “Sociedade do Espetáculo” (Debord) e “Indústria Cultural” (Adorno). Conceitos díspares ou complementares?

A reflexão deste artigo está focada na relação entre consumo, preponderante na época atual, e a produção da notícia, questionando se a educomunicação é capaz de preparar os profissionais do Jornalismo para enfrentar a realidade que nos encanta e assusta.

A mediação exercida cada vez mais pelas tecnologias provoca polêmica entre os pesquisadores de comunicação. As teorias começam a ser revistas porque também não são mais estanques. Tudo é passível de mudança. A figura clássica do receptor-passivo parece não fazer mais sentido. Ao mesmo tempo, a morte do sujeito representa um novo viés para o modelo de comunicação. Mais do que repensar, passamos a questionar se de fato existe um modelo de comunicação baseado em emissor-mensagem-(meio)-receptor.

Quem é esse sujeito? A interação provoca uma comunicação fluida, sem significante, sem significado, como jamais pensaram os mais otimistas filósofos e pesquisadores. Mas o que isso significa? Que alcançamos a tão almejada liberdade? Num mundo de opostos, caímos num semi-caos, onde ao contrário do que sonhavam os iluministas e até modernistas, a liberdade anda à solta, mas as pessoas não. Talvez a gente esteja vivendo com medo de ser livre. Renasce a necessidade do pertencimento, do enraizamento, “estar-se preso por vontade”. Temos liberdade de escolha, mas somos seduzidos para “escolher” o que nos foi oferecido. Servidão voluntária?

Que sociedade é essa que está fascinada pela sua própria imagem, mas não se reconhece no espelho? Época da representação. Como no conto de Parente (1999)<sup>3</sup>, quando o barulho das cascatas pintadas nos muros do palácio perturba o sono do imperador. Simulacro.

Para uns, a realidade virtual é o sintoma, negativo, de uma imagem sem referente, de uma imagem virtual que se substitui ao real, fazendo do referente uma pura miragem. Para outros, as tecnologias do virtual exprimem o regime de visibilidade em que vivemos, no qual não se trata mais de pensar como a imagem representa a realidade, mas sim de pensar um real que só existe em função do que a imagem permite visualizar. (PARENTE, 1999, p. 28).

Mais que simples ferramenta, a tecnologia extrapola seu papel de auxiliadora das atividades cotidianas. No século 21, o avanço das tecnologias além de propiciar maior sedentarismo, parece promover um outro tipo de acomodação, a da reflexão. Quando a técnica supera o processo, o homem se vê refém de sua própria criação. Seduzidos pela técnica, passamos a ocupar um lugar menos brilhante, típico caso da criatura superando o criador. Mas, fato é que não podemos abrir mão dos avanços conquistados.

Lançando nossas mentes no mundo, construímos dispositivos periféricos que simultaneamente simplificam o nosso meio, facilitando nossa cognição cotidiana e refinando o nosso próprio pensamento. [...] O hábito de ‘espalhar nossas mentes no mundo’, além de simplificar nossas atividades cotidianas, permite que ‘nossas mentes’ se tornem objetos que podemos manipular, analisar, ‘re-presentar’, transformar. As mudanças que operamos no mundo, as inúmeras tecnologias que criamos e utilizamos permite que nossas idéias, representações, pensamentos, hipóteses se tornem ‘coisas sobre as quais pensar’, operando assim mudanças sobre nós mesmos. (BRUNO, 2003, p.205).

Como extensões da mente, as tecnologias encantam como facilitadores, mas nos contentamos em compreender apenas parte do processo.

É assim, por exemplo, nos relacionamentos. Se por um lado, encurtamos as distâncias via internet e todas suas ferramentas de comunicação, por outro, nos distanciamos do contato presencial. É possível então questionar se sem a presença real os relacionamentos permanecem inalterados. Dessa forma, à distância, sem necessidade de

---

<sup>3</sup> “Li Ssu-hsûn (652-729 d.C) pintou os paraventos do palácio do imperador com cenas representando montanhas e cascatas. Um dia, o imperador se queixa ao pintor: ‘as cascatas que você pintou fazem muito barulho e não me deixam dormir, por favor, faça alguma coisa’. A imagem criada por Li Ssu-hsûn é tão realista que se torna auto-referente, ou seja, ela não apenas reproduz uma realidade exterior, acaba se tornando a própria realidade”.

convivência e com a possibilidade de assumirmos diversos papéis, abrimos o nosso leque de amizades virtuais, cada um representando o papel que mais lhe agrada.

Sinais dos tempos. Também é impossível retroceder em diversas áreas do conhecimento. Reféns da técnica, passamos a contar com a memória de computadores, velozes e impecáveis, sobre-humanos. Espalhamos nossas mentes no mundo, ampliando nossa teia de atuação, mas ao espalhá-la perdemos um pouco de nós mesmos, ficamos dependentes da rede que criamos.

Para Silva, a tecnologia abre caminhos desconhecidos, permitindo uma nova paisagem, construindo imaginários. Ele defende as tecnologias do imaginário como “dispositivos de produção de mitos, de visões de mundo e de estilos de vida” (SILVA, 2012, p.22), tomando lugar das tecnologias de controle, não pela persuasão, mas pela sedução. Nessa concepção, “o mundo pós-moderno forja tecnologias de afeto e domina os sujeitos pela adesão, pelo consentimento” (SILVA, 2012, p. 25).

Nada mais apropriado já que a era é a da verossimilhança. “O espectador já não suporta a ausência da tela. Não quer o gol, mas o replay do gol: não busca a paisagem, mas o cartão postal; não quer a verdade, mas o verossímil”. (SILVA, 2012, p.61). Mas como dominá-la, se vivemos entre simulacros e até distorções da realidade? “Na hiper-realidade não é mais possível distinguir o imaginário do real, nem o signo de seu referente, e ainda menos o verdadeiro do falso”. (KUMAR, 1997, p.134).

Talvez a resposta esteja em Levy, otimista de um futuro calcado nas tecnologias da inteligência, que antevê, quase ingenuamente, que no ciberespaço o homem seja capaz de uma reconciliação consigo mesmo e com a natureza. “O ciberespaço permite não apenas uma comunicação ‘um para um’ e ‘um para muitos’ mas também do tipo ‘muitos para muitos’ e a articulação em tempo real entre os três modos, o que incentiva a inteligência coletiva”. (LEVY, 2008, p. 166)

Mas se perdemos o poder de reflexão, beirando a mediocridade, como sugere abaixo Marcondes Filho, ainda temos forças para submetê-las a razão?

Uma visão de mundo pequena, intelectualmente pobre e simplória, passou a dar as cartas no universo comunicacional e informático, retrocedendo o nível de inteligência exigido a posições que em muitos casos beiram a mediocridade. (MARCONDES FILHO, 1997, p. 11).

Segundo Maffesoli (2008, p.20), “a comunicação é cimento social, a cola do mundo pós-moderno”. Na pós-modernidade, então, os meios de comunicação assumem um papel

fundamental, multiplicando os olhares e a participação da sociedade. A palavra-chave é a interação. Como não temos mais os conceitos definitivos que nos sustentavam, a presença de inúmeros atores sociais ao mesmo tempo em que abre o leque de visões, tumultua o entendimento, a compreensão. “O mundo hoje está numa complexidade muito grande. Essa sensação de incerteza, de imprevisibilidade, se dá porque temos muitos atores, é muita gente atuando em cima da realidade” (SANTOS, 2007).

Dessa forma, o caos está instalado. O mesmo acontece com a informação, que pelo volume, dimensão e velocidade, é confundida como conhecimento, mas ao contrário provoca a perda pelo excesso.

A metáfora agora é a do momento que, criado pelo homem, o ameaça e a visão de mundo, a do curto-circuito da representação-expressão, da confusão. Desaparecido o sujeito, é o objeto que marca agora os limites da individualidade e determina suas qualidades, o homem passa a existir pela técnica. Em relação à comunicação, ela entra numa espiral delirante e tautológica, onde o excesso produz exatamente a perda da informação. (MARCONDES FILHO, 1993, p. 23)

Mas é exatamente no caos que está nossa esperança de redenção. Devemos recuperar um conceito inicial: o processo de comunicação deve ser maior que a técnica. Dessa forma, propomos a comunicação, como processo, como vontade de potência, ou seja, resistência permanente.

Em “Assim falou Zaratustra”, Nietzsche expõe os conceitos de vontade de poder e vontade de potência. Para evitar confusão entre os dois, Silva esclarece: “O primeiro implica a submissão e o controle. A última, libertação e efervescência”. (SILVA, 2012, p. 35).

A comunicação é, sem dúvida, o fator mais importante da pós-modernidade. Abolido o conceito de persuasão, de dominação e também de subjugação do receptor, numa sociedade pluralista e complexa, a comunicação abre a possibilidade de negociação e identidade, através da interação e da troca de práticas culturais.

Como vontade de potência, a comunicação pode estimular o questionamento, a reflexão e a própria consciência da complexidade em que vivemos. Maior que a tecnologia, o processo de comunicação pode favorecer o pensamento, à medida que estimula o ser em relação, como sugere Paulo Freire.

Se os meios de comunicação, ao invés de reforçarem a desigualdade, mostrarem as diferenças, proporcionando uma revisão de valores e sentidos, poderemos criar uma nova sociedade, capaz de “sonhar sabendo que se sonha” e fazendo o homem consciente de si e

conhecedor de seus limites. Como consequência do questionamento, da reflexão, podemos novamente estabelecer laços e retomar o sentido do pertencimento e do enraizamento.

Nietzsche e Heidegger, sobretudo o último, estão muito presentes nessa reflexão que provém do espírito de 68. Nietzsche nos ensina a pensar que o nihilismo, ou seja, o declínio das grandes metanarrativas metafísicas, dos assim chamados valores, não é uma lástima, mas a possibilidade de inventar novos valores, menos repressivos, para nossa convivência. (VATTIMO, 2008, p.4).

Qual, então, a pertinência da educomunicação dentro do contexto da pós-modernidade?

Sem dúvida, é cada vez mais atual e necessária a formação de cidadãos, atores conscientes de seus atos e prontos para receber a informação e, com pensamento crítico, transformá-la em conhecimento. É disso que trata a educomunicação, portanto bem pertinente no contexto da pós-modernidade.

A tríade comunicação, educação e novas tecnologias resume uma das problemáticas substantivas do novo milênio. Constitui um desafio central, não só para os comunicadores e os educadores preocupados pelo avanço da tecnologia telemática e digital, e suas múltiplas variações mútuas, mas também para a democracia e, claro, para a cultura, como processos maiores que contextualizam e condicionam a geração, circulação e consumo do conhecimento. [...] o papel dos comunicador nas interações educativas do século 21 é imenso e crucial, devendo os comunicadores desviar a atenção dos meios e focalizar mais os processos ao redor dos meios, os receptores, as interações que os meios possibilitam e os contextos nos quais se realizam essas interações, já que é no contexto que, afinal, nasce o sentido da comunicação, e já que é daí que se pode avaliar a relevância dos aprendizados realizados. (OROZCO GOMEZ, 2002, p.57 e 69).

Segundo Soares (2002, p.16 a 25), a educomunicação vem ganhando fórum de cidadania, como um novo campo de intervenção social, fundamentado na informação como fator-chave para a educação. Na América Latina, os conceitos de educomunicação estão calcados em três áreas de intervenção:

- a) as mediações tecnológicas nos espaços educativos – a necessidade de preparar professores e estudantes para a utilização de recursos tecnológicos nos processos de aprendizagem;
- b) a educação frente aos meios de comunicação – que analisa o impacto dos meios sobre crianças e adolescentes;

- c) a gestão da comunicação em espaços educativos – a questão dos ecossistemas comunicativos.

Trata-se na verdade de uma perspectiva de análise e de articulação em permanente construção, levando-se em conta o contínuo processo de mudanças sociais e de avanços tecnológicos pelos quais passa o mundo contemporâneo. (SOARES, 2002, p. 25)

É importante ressaltar que o educador atua justamente na formação de cidadãos, críticos e participativos, preparados para lidar com as novas tecnologias e com o movimento do mundo no século 21.

A preocupação de Martín-Barbero<sup>4</sup> faz todo o sentido na atualidade, quando chama a atenção para a relação das novas gerações com as tecnologias. Como demonstra recente pesquisa publicada pela revista *Veja* sobre a facilidade das crianças em executar cada vez mais atividades ao mesmo tempo. Realizada em maio deste ano pela Turner Internacional do Brasil, responsável pelo canal Cartoon Network, a pesquisa mostra que “cercadas de aparelhos eletrônicos que dominam desde cedo”, meninos e meninas entre 7 e 15 anos conseguem combinar de três a oito tarefas simultâneas, por isso já são chamados de “crianças multitarefas”. “Na avaliação das próprias crianças pesquisadas, a tecnologia faz com que elas sejam mais rápidas no pensamento e na hora de escrever”, revela a coordenadora da pesquisa, Renata Policicio. (2008, p. 94)

O resultado da pesquisa é confirmado pela avaliação de Souza (2006, p. 124):

O aluno que senta nos bancos escolares é um habitante do mundo globalizado, pós-moderno, alfabetizado nas novas tecnologias, acostumado ao fluxo frenético de informações, imagens e sensações, hedonista, imediatista, vivendo sobretudo em busca do prazer.

Mas tudo isso tem um custo, como explica o neurologista infantil José Salomão Schwartzman (2008, p.96):

Percebo que as crianças processam rapidamente um número maior de informações, mas num nível superficial. Ir fundo num assunto é difícil para elas. Isso acontece porque o cérebro humano dispõe de capacidade limitada e, conseqüentemente, para ter eficiência máxima, precisa que o foco de atenção seja também limitado.

---

<sup>4</sup> O conceito de ecossistemas comunicativos foi definido por Martín-Barbero, preocupado com o impacto das novas tecnologias na vida em sociedade. (SOARES, p. 19).



Dessa forma é natural e pertinente redobrar a atenção para a geração que nasce sob o poder das novas tecnologias, que precisa reaprender a refletir sobre os meios e para os meios, fortalecendo um relacionamento saudável entre homem-máquina.

O mesmo acontece em relação às escolas, que precisam se adaptar às novas tecnologias e, sobretudo saber lidar com a geração pós-moderna. Não cabe mais uma aprendizagem fundamentada nos padrões modernos, portanto ultrapassados. É preciso repensar a escola.

Refletir sobre o lugar social da escola, hoje exige pensá-la como uma instituição inserida numa sociedade democrática, plural, globalizada e entrecortada por práticas de consumo que constantemente deslocam as identidades de seus diversos atores a cada nova mudança patrocinada pela tecnologia. [...] Com isso, parece hora de elaborar estratégias de aprendizagem que permitam fazer da escola um lugar de comunicação, de troca de sentidos, de construção permanente de identidades, tendo em vista as diferenças aí existentes e as mediações que se colocam hegemônicas em um tempo e espaço atualizados e contemporâneos. (SOUZA, 2006, p. 138)

Mais do que sonhar, urge o estímulo à reflexão, a capacidade questionadora do homem. Precisamos parar para pensar. Parece óbvio, mas à cada dia somos impelidos a agir, de modo quase automatizado, frenético, usurpando de nosso diferencial racional.

Na onda do sistema capitalista, por adesão e consentimento prévio, é bem verdade, temos deixado à tecnologia ocupar um espaço maior, como se perdêssemos terreno, seduzidos pela facilidade de transferir para o outro, no caso a técnica, o árduo trabalho do pensamento. Como toda a idéia de progresso traz embutida alguma perda, na era pós-moderna estamos perdendo quase que o essencial, o que nos faz humanos. “O meu receio é que as pessoas não reflitam, que não tenham um pensamento crítico”, afirma a psicóloga Rosely Sayão. (2008, p.3)

As mudanças ocorridas no modo de pensar, agir e sonhar são praticamente irreversíveis. Não estamos aqui propondo uma sociedade arcaica, isenta de tecnologia, mas sim uma recuperação de nossa capacidade reflexiva. Precisamos recuperar alguns prazeres próprios da aprendizagem, da leitura, da descoberta interior para respondermos algumas perguntas básicas do nosso dilema existencial.

A questão do tempo é fundamental. Precisamos ter tempo.

Marx já dizia isso, a forma mais perversa não é a alienação do trabalhador com relação ao produto do seu trabalho e ao sentido do trabalho, é a alienação do tempo, você não ser senhor do seu tempo, você é determinado pelo tempo das coisas e não escolhe mais a sua vida. [...]



Todas as experiências humanas que necessitam de tempo, da longa duração, ficam comprometidas: amizade, relação pais e filhos, amor. (MATOS, 2007)

Não queremos e nem podemos viver sem, por exemplo, a internet, mas ela não pode ocupar espaços de relacionamentos. A aprendizagem, assim como a comunicação, exige convívio, vivência.

O aparecimento da internet é um dado fundamental de nossa época. Ela provocou uma verdadeira mutação em nossa forma de viver a política e nossa vida particular. Mas a chamada ‘vida virtual’ não pode ocupar os espaços nos quais nos vinculamos a nossos semelhantes. O problema é como manter valores, nos quais acreditamos, num mundo em que os meios dominam os fins (BIGNOTTO, 2007).

A educomunicação aparece aí como uma solução possível, à medida que incentiva a capacidade de reflexão dos atores sociais e propõe uma junção coerente com a educação, sem deixar de trabalhar a tecnologia como mediação, como parceira. Estimulando a pluralidade, o multiculturalismo, o receptor-sujeito, a gestão participativa e ampliando os ecossistemas comunicativos, a educomunicação possibilita a aquisição de sentidos a partir de práticas culturais locais, fortalecendo relacionamentos e marcando forte posição frente à globalização e à tecnologia pela tecnologia.

Como afirma Matos (2007), é preciso estimular o pensamento, como uma opção à alienação, à coisificação. Cada vez mais teremos de rever a nossa interação com as máquinas e com a natureza e isso envolve tempo, paciência, educação e, claro, comunicação.

O fenômeno comunicacional não se esgota na presunção de eficácia do emissor. Existe sempre um receptor dotado de inteligência na outra ponta da relação comunicacional. A mídia permanece um meio. A complexidade da comunicação continua a enfrentar o desafio da compreensão. (MORIN, 2008, p.19).

É nesse sentido que o Jornalismo entra como prolongamento do espetáculo, sem se dar conta (?) de que trabalha em favor da lógica do consumo. Como romper com essa estrutura tão bem montada e enraizada em nossa sociedade, que funde publicidade, marketing e informação? O redimensionamento do espaço público abarca até mesmo os direitos fundamentais de cidadania, educação, saúde, ciência, política etc, valores que se misturam com a prática diária de mercado.

Para Bucci (2000), e estamos plenamente de acordo, a preocupação atual deve ser com o preparo crítico, a formação ética do profissional e a apropriação do senso de sujeito, cheio de idéias e opiniões. É claro que não estamos propondo uma volta ao jornalismo de opinião, mas uma geração que não ignore seu papel de formação de opinião e o seu uso na ampliação do poder do mercado.

Segundo Miège (2000), vivemos hoje o quarto estágio da imprensa, que é marcado pela era das relações públicas generalizadas. Ele explica que a mídia desempenha um mero papel de passagem, uma vez que estados, empresas e instituições se apoderam da promoção por eles mesmos dos conteúdos que serão repercutidos pela imprensa. Ambos, Miège e Bucci, focam aqui o poder das assessorias de imprensa, que pautam os jornalistas para a cobertura diária dos “acontecimentos”.

Temos plena consciência da importância fundamental das assessorias, mas nosso ponto de vista está do lado do leitor, espectador, internauta, que recebe essas informações como produzidas pelas redações de notícias.

Nesse sentido, carente de reflexão, o produtor de notícia necessita de preparo, de formação, de questionamento. O jornalismo precisa voltar a ser uma atividade intelectual, mais do que reproduzidor de conteúdo.

A educomunicação que se preocupa com o diálogo transformador, com a formação de sujeitos críticos, pode ser aplicada aos cursos de graduação de jornalismo, contribuindo para que a discussão sobre a realidade seja frequente e que a capacitação vá além da apropriação da técnica. A comunicação é mais abrangente do que o Jornalismo, do que os próprios meios de comunicação e necessita de profissionais que entendam a dimensão que ela ocupa hoje na sociedade contemporânea.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de. **A modernização da imprensa** (1970-2000). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

BIGNOTTO, Newton. In: Caros Amigos, **edição especial**, ano XI, n. 36, São Paulo, novembro de 2007.

BRUNO, Fernanda. Tecnologias cognitivas e espaços do pensamento. In: **Livro da XI Compós**, 2002. Porto Alegre, Estudos de Comunicação Compós e ed. Sulina, 2003, pp.193-217.

BUCCI, Eugênio. **Sobre Ética e Imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, pp. 188-201.

CAROS AMIGOS. **Edição especial**, ano XI, n. 36. São Paulo: novembro de 2007.

FOLHA DE SÃO PAULO. Caderno **Cotidiano**, 3/8/2008, p.3.

KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1997.

LEVY, Pierre. O ciberespaço como um passo metaevolutivo. In: MARTINS, Francisco Menezes e SILVA, Juremir Machado da. (orgs). **A genealogia do virtual: comunicação, cultura e tecnologias do imaginário**. Porto Alegre, Sulina, 2008, p. 166.

LIPOVETSKY, Gilles. “Sedução, Publicidade e Pós-Modernidade”. IN: MARTINS, Francisco Menezes & SILVA, Juremir Machado da (orgs.). **A genealogia do virtual: comunicação, cultura e tecnologias do imaginário**. Porto Alegre, Sulina, 2008, 2008, pp. 33-42.

MAFFESOLI, Michel. A comunicação sem fim. MARTINS, Francisco Menezes e SILVA, Juremir Machado da. (orgs) **A genealogia do virtual: comunicação, cultura e tecnologias do imaginário**. Porto Alegre, Sulina, 2008 p. 20.

MARCONDES FILHO, Ciro. **SuperCiber: a civilização místico-tecnológica do século 21**. São Paulo, Ática Shopping, 1997, p. 11.

\_\_\_\_\_. Por uma nova teoria da comunicação. In: PEREIRA, Carlos Alberto Messeder e NETO, Antonio Fausto (Eds). **Comunicação e cultura contemporâneas**. Rio de Janeiro, Notrya/Compôs, 1993, p. 23.

MATOS, Olgário. In: Caros Amigos, **edição especial**, ano XI, nº 36, São Paulo, novembro de 2007.

MORIN, Edgar. A comunicação pelo meio. MARTINS, Francisco Menezes e SILVA, Juremir Machado da. (orgs). **A genealogia do virtual: comunicação, cultura e tecnologias do imaginário**. Porto Alegre, Sulina, 2008, p. 19.

PARENTE, André (org.). **O virtual e o hipertextual**. Rio de Janeiro: Pazulin, 1999.

POLICICIO, Renata. **Tudo ao mesmo tempo agora**. Veja, ed. 2072, ano 41, n. 31, de 6/8/2008, p. 94.

OROZCO GÓMEZ, Guilherme. **Comunicação, educação e novas tecnologias: tríade do século 21**. Comunicação & Educação, nº 23, São Paulo, 2002, pp. 57 e 69.

SANTOS, Jair Ferreira dos. In: CAROS AMIGOS, **edição especial**, ano XI, nº 36, São Paulo, novembro de 2007.

SAYÃO, Rosely. **Especialistas apontam riscos da autoajuda**. In: Folha de S.Paulo, Caderno Cotidiano, 3/8/2008, p.3

SCHWARTZMAN, José Salomão. **Tudo ao mesmo tempo agora**. Veja, ed. 2072, ano 41, n. 31, de 6/8/2008, p. 96.

SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2012.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Gestão comunicativa e educação**: caminhos da educomunicação. Comunicação & Educação, nº23, São Paulo, 2002, pp. 16-25.

SODRÉ, Muniz. “Existe consciência ética na Imprensa?” In: PAIVA, Raquel (org.) **Ética, Cidadania e Imprensa**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002, pp.187-196.

SOUZA, Mauro Wilton de. (org.) Mediações sociais e práticas escolares. In: **Recepção mediática e espaço público: novos olhares**. São Paulo, Paulinas, 2006, p.124.

VATTIMO, Gianni. **O nascimento do pós-moderno**. In: Jornal O Globo, caderno Prosa & Verso, n. 1. Rio de Janeiro: 2008, p.4.

VEJA. São Paulo: Ed. Abril, ed. 2072, ano 41, n. 31, de 6/8/2008, p. 92-96.